

Uma voz contra a insanidade

Jornalista argelina desafia Governo e radicais islâmicos em sua luta por direitos humanos

Louis J. Salome

Do New York Times • ARGEL

Os amigos de Salima Ghazali vivem insistindo para que ela pare de falar à imprensa estrangeira e fuja da violência argelina para uma vida em segurança no exterior. Ela foi ao exterior, mas não para fugir, e sim para receber em Estrasburgo, na França, o prestigioso Prêmio Sakharov, concedido pelo Parlamento Europeu a pessoas que se destacam na defesa da liberdade de pensamento. A recente premiação é uma faca de dois gumes para Salima: ao mesmo tempo que lhe dá uma certa proteção contra radicais islâmicos e o regime militar, torna-a um alvo ainda mais visível na guerra civil que já deixou mais de 60 mil mortos desde 1992.

Diariamente, Salima, de 40 anos, editora-chefe do semanário "La Nation", e um punhado de jornalistas, intelectuais e advogados de direitos humanos lutam para contar ao mundo os horrores da matança em seu país. Se conseguirem levar mensagem ao exterior e envergonhar o resto do mundo a ponto de fazê-lo usar sua influência para descobrir quem está por trás dos massacres e dar um fim à situação, todas as outras liberdades políticas enraizadas no Ocidente podem vir a reboque.

Governo fechou jornal alegando dívidas

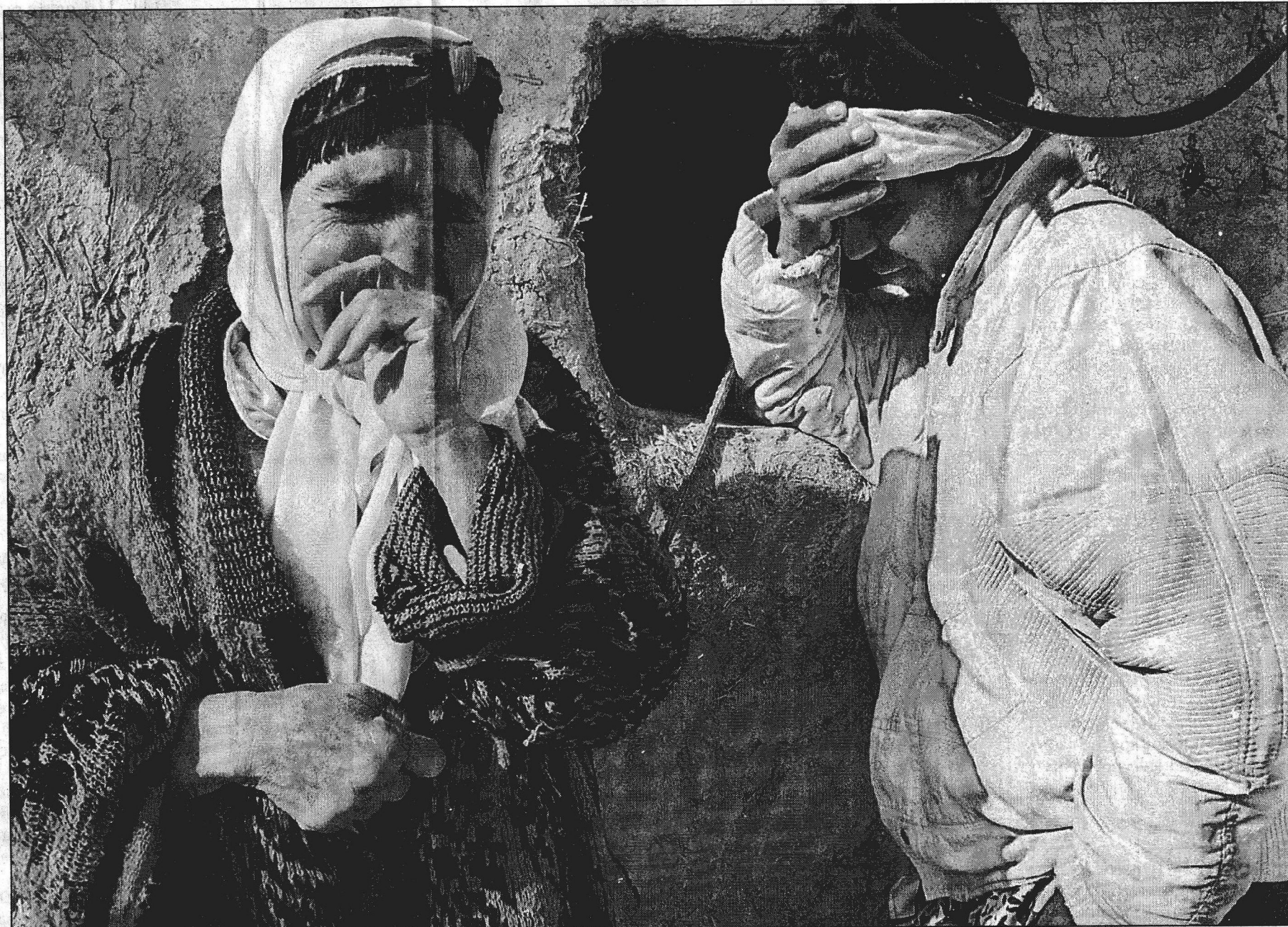
Uma das maiores defensoras dos direitos humanos da Argélia, Salima pode não ser imune a medo, mas não dá mostras. O que é visível é apenas uma coragem crua do tipo que as pessoas livres há muito esqueceram ser necessária para obter a liberdade. Desde 1994, ela já mudou quatro vezes de endereço para manter-se um passo adiante de possíveis agressores. Também deixou suas duas filhas adolescentes com uma irmã numa aldeia longe de Argel e as visita secretamente uma vez por mês — às vezes a cada dois meses — para protegê-las de uma onda de violência que pode acabar rumando em sua direção.

— A única proteção real é racional. Não fiz nada errado, mas não há ninguém que possa garantir a sua segurança nos dias de hoje na Argélia. Os generais têm medo de gente como eu, uma pessoa pequenina. Isso já é um consolo — diz Salima.

A jornalista recebe ameaças anônimas frequentes por telefone. Embora o Governo nunca a tenha ameaçado diretamente, o ministro do Interior acusou seu jornal de ser "um perigo para a sociedade". O ataque foi motivado por um arquivo que o jornal mantém com o registro das violações de direitos humanos pelo Governo e por suas críticas à política governamental de distribuir armas a milícias privadas apoiadas pelo regime. Para silenciar Salima, o Governo fechou o "La Nation" sob a alegação de que o jornal devia US\$ 100 mil à gráfica estatal em pagamentos atrasados.

Uma mulher profissional numa sociedade dominada pelos homens, jornalista num país onde a censura e o controle do Governo militar escondem ou tentam esconder a verdade, Salima fala usando a razão, não a emoção. Sua visão do conflito argelino põe a culpa tanto nos radicais islâmicos como no Governo, uma opinião cada vez mais compartilhada por seus compatriotas e por diplomatas estrangeiros.

— Honestamente, não posso dizer que sei quem está promovendo as matanças, mas uma certa parte da culpa recai sobre os islamistas. Eles contribuem em grande parte para introduzir ódio e violência na sociedade argelina — avalia.



DOIS MORADORES da aldeia de Sidi Hamed choram parentes mortos num massacre no fim de semana: ontem 103 pessoas morreram na onda de violência iniciada no Ramadã